

**Maquinismos Emocionais
das Narrativas
Jornalísticas Turísticas**

Emotional Mechanisms of Tourist
Journalistic Narratives

Maquinismos emocionales de las
Narrativas Periódicas del
Turismo

Maria Luiza Cardinale Baptista^{1, 2}

RESUMO

O presente artigo discute aspectos psicocomunicacionais, presentes nas narrativas jornalísticas turísticas contemporâneas, consolidados e expressos em feixes emocionais que se perfilam e demonstram as inflexões midiáticas contemporâneas. Trata-se de um conjunto de reflexões teóricas, a partir da observação das narrativas contemporâneas, ligadas ao Turismo, e do aprofundamento dos estudos do que a autora chama de Psicocomunicação, com base em substratos teóricos transdisciplinares. O texto traz o contraponto entre o texto clássico do Jornalismo, marcado por uma espécie de esterilização emocional, com a consolidação de esquemas narrativos aparentemente objetivantes, e a composição atenta e intencional de feixes emocionais, como valores emocionais agregados, subjacentes às produções veiculadas nos vários espaços jornalísticos, inclusive os voltados ao Turismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; turismo, psicocomunicação; narrativa; emoção.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo, Brasil; Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS), com apoio CNPq; Pesquisadora visitante sênior da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), com apoio Fapeam; Pós-doutoranda em Sociedade e Cultura da Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS) e integrante do Filocom (ECA/USP); Editora associada da Revista Brasileira em Turismo (RBTur); Pesquisadora Iberoamericana (edita UCS/SANTANDER). E-mail: malu@pazza.com.br.

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade. Campus Universitário de Caxias do Sul, Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Bloco 46, sala 416. Caxias do Sul, RS, Brasil. CEP 95070-560.

ABSTRACT

This article discusses psicomunication aspects, in the contemporary tourist journalistic narratives, consolidated and expressed in emotional beams that lie and demonstrate the contemporary media inflections. It is a set of theoretical reflections, as from observation of contemporary narratives linked to Tourism, and the deepening of studies of what the author calls Psicomunication based on transdisciplinary theoretical substrates. The text brings out the contrast between the classic text of Journalism, marked by a kind of emotional sterilization, by consolidating apparently objectifying narrative schemes and the careful and intentional composition of emotional beams, as aggregates emotional values that underpin aired productions in various journalistic spaces, including those aimed at Tourism.

KEYWORDS: Journalism; tourism; psicomunication; narrative; emotion.

RESUMEN

Este artículo discute aspectos psico-comunicacionales presentes en las narrativas periodísticas contemporáneas del turismo, consolidadas y expresadas en extractos emocionales que se alinean y demuestran las inflexiones de los medios de comunicación contemporáneos. Es un conjunto de reflexiones teóricas, a partir de la observación de las narrativas contemporáneas vinculadas al turismo, y la profundización de los estudios sobre lo que la autora llama Psico-comunicación basado en substractos teóricos transdisciplinares. El artículo plantea un contrapunto entre el texto clásico del Periodismo, marcado por una especie de esterilización emocional, con la consolidación de esquemas narrativos objetivos y la composición cuidadosa e intencional del extracto emocional, como los valores emocionales agregados que sustentan producciones transmitidas en varios espacios periodísticos, entre ellos los destinados al Turismo.

PALABRAS CLAVE: Periodismo; psico-comunicación; narrativa; emoción.

Recebido em: 30.11.2015. Aceito em 25.12.2015. Publicado em: 26.12.2015.

Aproximações com os maquinismos do texto

O presente texto surge de uma série de reflexões, decorrentes e conjugadas com as incursões teóricas que tenho feito, para pensar a produção de narrativas jornalísticas e não jornalísticas. Interessa-me, sobremaneira, discutir algo que venho chamando de 'o rumo dessa prosa', para expressar as inflexões de narrativas contemporâneas, relacionadas ao Turismo, que podem ser intuídas por bons observadores. Parodiando a sabedoria popular, tenho afirmado que, para um bom observador, meia narrativa basta. Nesse sentido, o texto que apresento decorre de um longo percurso de observação de narrativas, de estudos do Jornalismo, pesquisa sobre a narrativa da telenovela e sobre os processos de escrita do jovem adulto, como expressão de sua subjetividade e da relação com os meios de comunicação, na ECA/USP. O viés diferencial aqui são os maquinismos emocionais ou uma espécie de arquitetura das emoções, como dispositivos de direcionamento dos sentidos.

Como objeto empírico mais recente, as reflexões partem de observações de universos diferenciados, envolvendo, por exemplo, narrativas ligadas ao Turismo, que criam imagens de destinos turísticos, conforme interesses cristalizados; e, por outro lado, observações do cenário de guerra explícita de narrativas, em situações de confrontos públicos de expressão mundial, como foi o caso da ampla cobertura dos conflitos que ocorreram no Brasil, em 2013. O foco do artigo, no entanto, é a discussão teórica, para dar suporte à pesquisa desenvolvida a respeito das narrativas especulares e desejanças, na Universidade de Caxias do Sul, na interface Comunicação e Turismo, com análise de narrativas do Jornal Pioneiro e Zero Hora.

Os aspectos psicocomunicacionais têm sido foco dos meus estudos há mais de 25 anos, quando me interessei pelas narrativas da telenovela e da comunicação do sindicato dos metalúrgicos, de Porto Alegre. Na época, detive-me especialmente nos conceitos de desejo e espelho, fazendo o contraponto entre a visão psicanalítica, com base especialmente em Freud e Lacan, e a visão Esquizoanalítica, com Guattari, Deleuze e Suely Rolnik – autores que serão mencionados e referenciados, ao longo

do artigo. Havia, desde o início, o interesse de compreender os aspectos das narrativas produzidas em diferentes ambientes e universos comunicacionais e suas implicações sociais e políticas, já que, desde minhas primeiras incursões na pesquisa, havia a preocupação com o papel do jornalista, mais especificamente, e do comunicador social, em sentido mais abrangente. Assim, fui entendendo que as narrativas, especialmente em sua dimensão emocional, direcionavam (ou, ao menos, propunham direções para) o olhar da sociedade para determinadas perspectivas e que esse direcionamento não era aleatório, mas atendia a interesses vários, geralmente de setores ligados ao poder instituído, político e econômico. Claro que as narrativas não fazem isso de forma isolada, mas em meio a uma parafernália de dispositivos sociotécnicos, econômicos e políticos, que vão engendrando sentidos. Em síntese, não é a mídia que, por si só, faz emergir significações, mas certamente as narrativas midiáticas, a essas alturas, transmidiáticas, têm uma grande contribuição nesse sentido.

Os estudos ligados à Psicologia associaram-se aos estudos das Teorias de Significação e, também, aos estudos sobre a Epistemologia do Jornalismo e sua vinculação com as novas concepções da Ciência, em tempos de crise dos paradigmas e emergência de novas perspectivas para a compreensão das possibilidades práticas do Jornalismo e dos ofícios de narrar. No caso das Teorias de Significação, destaco, aqui, o percurso em disciplinas na ECA/USP, especialmente as ministradas pelo saudoso professor Educaro Peñuela Canizal, que direcionavam o olhar para as dimensões 'não verbais' das mensagens, para as produções do que, mais tarde, passei a chamar de intensidades abstratas, sob influência da Esquizoanálise. Nesse caso, destacam-se autores como Barthes (1984), Ehrenzeveig (1977), Kristeva (s.d.), Greimas (1975), Eco (1990) e o próprio Peñuela (1987).

A Epistemologia do Jornalismo tem sido discutida a partir do processo acionado em disciplinas com Edvaldo Pereira Lima, com a perspectiva do Jornalismo Literário Avançado, e o contato direto em diferentes ambientes, com a professora

Cremilda Medina, sinalizando para a dimensão poética, complexa e ampliada dos saberes jornalísticos, bem como para a potência de uma produção para além da gramática gerativa tradicional. Nesse sentido, pude compreender, a partir dos Seminários e publicações organizados por Cremilda e Milton Grecco,³ nos anos 1990, na ECA/USP, o que eu chamo de A Mutação da Ciência e as conexões do Jornalismo e, portanto, das práticas narrativas, nesse novo universo do saber. Esses foram aspectos demarcadores de outra visão sobre a arte de narrar o cotidiano, ou, referindo especificamente Cremilda Medina (2003), a arte de tecer o presente.

O estudo das narrativas também foi desenvolvido em duas outras linhas de investigações e levantamentos bibliográficos, orientados por caminhos percorridos nas minhas pesquisas. De um lado, a busca de compreender a televisão e suas técnicas narrativas, para o que chamei, posteriormente, de a dimensão tele, da telenovela. De outro, a descoberta 'quase mágica' do folhetim francês - em disciplina com o professor Celso Loge e uma profusão de textos a respeito -, e todo o seu percurso histórico-social. Fui percebendo as vinculações econômicas e políticas dessas narrativas, entrelaçadas com seu formato, quase uma fórmula de produção, um esquema decorrente de matrizes arcaicas, acionador de sentimentos ligados ao mundo do narcisismo primário, para fazer referência ao universo psicanalítico. Depois, mais tarde percorri os caminhos da história da escrita e aprofundei-me no conhecimento dos processos de escrita, no desenvolvimento de tese sobre a temática. Fui entendendo vinculação dos aspectos emocionais das narrativas com as instâncias de poder e a lógica da produção e controle em cada sociedade.

Mais recentemente, orientada por essas incursões iniciais, tenho avançado com os estudos sobre narrativas, interessada 'no rumo dessa prosa' social. Quero dizer, qual o destino e a destinação dessas narrativas midiáticas, produzidas a partir e

³ Refiro-me aqui, especialmente, ao ciclo de seminários sobre a crise dos paradigmas, que marcaram época na ECA/USP, com a presença de pesquisadores de várias áreas, demonstrando a pertinência da visão sistêmico-complexa emergente e do momento de reconsideração da Ciência, a partir dos seus entrelaçamentos e não de suas fragmentações. Dos resultados bibliográficos desses eventos, destaco, entre outros: Novo Pacto da Ciência (1990-1991); Novo Pacto da Ciência 3. Saber Plural (1994b).

para a sociedade? Como os discursos jornalísticos, associados às narrativas transmidiáticas, vêm reforçando inflexões de sentidos e o quanto isso é relevante para discutir o que venho chamando de Jornalismo Amoroso (BAPTISTA, 2011), pautado pela 'ética da relação', e as preocupações orientadas pela noção de amorosidade dos meus estudos? Vale ressaltar, aqui, uma trama de trilhas investigativas que fundamentam as discussões apresentadas neste texto. Trata-se de um conjunto de pesquisas realizadas pelo Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Ressalto, aqui, ainda, a importância das rodas de conversa semanais, realizadas pelo grupo, inspiradas em Paulo Freire (1980;1999) e Gilles Deleuze (1992), denominadas por mim de Encontros Caóticos da Comunicação, do Turismo e suas transversalidades. São encontros de pesquisadores em roda, para conversas sobre suas pesquisas; encontros informais, pautados pela alegria e amorosidade. Destes encontros participam pesquisadores de Caxias do Sul e de Manaus, da Universidade Federal do Amazonas, além de outros convidados de outras regiões do país e do exterior, que acessam o evento pela tecnologia hangout. Nesses eventos semanais, as pesquisas são debatidas e ressignificadas, pela troca e o 'encontro de corpos subjetivos', que vibram e reinventam autopoieticamente seus saberes.

Nesse sentido, a partir dessas bases, trago, para discutir neste texto, os maquinismos emocionais nas narrativas jornalísticas, o que implica o reconhecimento da conexão dessas narrativas com universos de referências mais amplos, de engrenagens sociotécnicas, de maquinismos abstratos sofisticados, com conexões políticas e econômicas, assim como a percepção do acionamento de níveis profundos inarticulados de fluxos afetivos na configuração dessas narrativas.

Máquina abstrata das grandes narrativas

Para entender o que estou chamando de 'máquina abstrata', vale mencionar que os maquinismos a que me refiro têm sustentação teórica nos textos de Félix Guattari, Gilles Deleuze e Suely Rolnik. Para Guattari (1992), a máquina não é a máquina mecânica, mas representa um conjunto de fluxos e engendramentos, concretos e abstratos, onde feixes interacionais vão constituindo algo como um campo de potência para devires. Essas máquinas abstratas podem ser desde uma instituição, como uma universidade, ou um território geográfico, como um país, mas no que elas extrapolam o visível, o 'dizível', o concreto. Tudo isso é considerado, mas sempre em condições simultâneas, ao que escapam as leis e padronizações narrativas de qualquer organização maquinica. Poderíamos pensar, então, que as redações, nos seus diversos modelos e formatos, são máquinas abstratas, que se constituem por feixes que as conectam com máquinas abstratas maiores, do universo de referência em diversos planos territorializantes - locais, nacionais, internacionais - conectados a interesses vários: econômicos, políticos, sociais, culturais, etc.

Os exemplos aqui seriam muitos, mas lembro-me especialmente de um tempo, no final dos anos 1990, quando trabalhei como *free-lancer* na Folha da Tarde, em São Paulo, jornal ligado ao grupo Folha. Havia, na redação, o clima delicioso de produção jornalística, de ambiente de trabalho marcado por brincadeiras e provocações mútuas, típicas dos jornalistas. No mesmo período, entrei em contato com o ambiente do "Folhã" (como era chamada a Folha de São Paulo, entre os jornalistas dos dois veículos), que funcionava no mesmo prédio, e entendi que eram duas 'máquinas abstratas diferentes', o olhar das pessoas era diferente, o ar da redação parecia que era outro, mais asséptico, com uma espécie de campo de energias que transversalizava quem estivesse ali. Em algumas vezes, percebia, no elevador, a diferença entre os jornalistas da Folha da Tarde e os do "Folhã". Pensava: "o Guattari tem razão, os maquinismos abstratos transversalizam a produção e se

transformam em dispositivos de subjetivação”. Em máquinas diferentes, os sujeitos se tornam também parte da máquina. A emoção desses sujeitos é marcada pelas intensidades abstratas das ambiências maquínicas em que ocorre suas produções. Isso não é pouco. Isso, na prática, altera muito o ‘rumo da prosa’. Basta lembrar o quanto algumas redações instalam, com rigor, a métrica do controle do erro, a devoção ao ‘manual’, para a padronização da produção – sob o argumento de garantia de qualidade.

A comunicação, através das narrativas, produz-se no entrelaçamento desses feixes e no fluxo intenso de dados compartilhados, mas, especialmente, no compartilhamento que afeta (que aciona os afetos) os sujeitos envolvidos. Diante da imensidão de dados circulantes, a produção de sentido ocorre nas cristalizações significacionais, no que Barthes (1984) chamou de *punctum*, em relação à fotografia, mas que pode ser estudado com relação a outras expressões e dispositivos comunicacionais. O *punctum* é o que punge, o que sai da produção e aciona, no receptor, produzindo uma sensação especial, algo como uma flechada, tocando-o no inconsciente. É o mesmo que Guattari (1992) vai chamar de *ritornelo*, recorrendo a um conceito da música, que eu traduzo como ‘o elo que retorna’, a variação ínfima da produção que, pelo seu traço singular, diferencia-se e, diferenciando-se, faz marca afetiva também diferenciadora. A esse processo de ‘tocar’ o receptor, eu venho chamando de efetivação, vinculado diretamente ao que, na linguagem esquizoanalítica, denomina-se como desterritorialização.

Percebo, nesse sentido, que, para compreender as narrativas jornalísticas contemporâneas, é preciso entender um pouco mais sobre a intensidade da desterritorialização e, antes, o que significa essa desterritorialização. Este processo ocorre no encontro de universos existenciais, a partir do choque de singularizações subjetivas, agenciadas pelas grandes máquinas abstratas, conectadas com maquinismos no cenário de internacionalização. Dito de um jeito mais simples, significa sair do ‘território subjetivo’, como campo de si mesmo ou de controles pré-

definidos por axiomáticas cristalizadas nos sistemas (a tal engrenagem maquínica, a que venho me referindo). Então, desterritorializar-se é escapar dos 'territórios', dos limites, das fronteiras preestabelecidas, como fatores limitantes e limitadores.

Nesse sentido, parece esclarecedora a fala de Guattari (1992, p. 162), também para se compreender o sujeito jornalista e a trama significacional maquínica em que se situa sua produção: "[...] não se poderá mais falar do sujeito em geral e de uma enunciação perfeitamente individuada, mas de componentes parciais e heterogêneos de subjetividade de Agenciamentos coletivos de enunciação que implicam multiplicidades humanas". O agenciamento das máquinas abstratas passa, por sua vez, pelo engendramento de um complexo sistema maquínico, constituído por múltiplos componentes.

A produção jornalística é feita em meio a uma trama múltipla, de forças que tensionam o caminho e o direcionamento das informações. Isso produz inflexões diversas e também alteram a significação coletiva das informações veiculadas pela imprensa. Em outro texto⁴, propus a discussão sobre quem é o sujeito da comunicação, a partir da noção de 'sujeito-trama', como campo caosmótico, buscando refletir suas imbricações midiáticas complexas, em tempos de internacionalização. Trata-se, aqui, então, de sinalizar para o fato de que a constituição das narrativas jornalísticas contemporâneas é a constituição de 'narrativas-trama', ou seja, narrativas que são resultado de uma trama de entrelaçamentos a que estou chamando de maquinismos abstratos. Isso significa que, para além do dado concreto veiculado, há intensidades abstratas que alteram a significação. Dessa forma, seria recomendável uma espécie de alfabetização emocional dos sujeitos, da sociedade, para a leitura das notícias, dos textos jornalísticos veiculados.

⁴ Refiro-me, aqui, ao texto encaminhado e aceito para o Colóquio Brasil-Estados Unidos, intitulado "Quem é o Sujeito da Comunicação?. A proposição de sujeito-trama, como campo caosmótico, e suas imbricações complexas, em tempos de internacionalização.

De novo, para frisar: temos feixes significacionais cristalizados, em universos de referência (o dado concreto), que vão, ao mesmo tempo, subjetivando e direcionando significações coletivas, a partir do acionamento de maquinismos abstratos. Não se trata de simples agendamento⁵, mas da constituição de inflexões, de tendências de sentidos, a partir dos entrelaçamentos que se dão também no plano das narrativas. São textos que se combinam com textos e que se repetem, com expressões diversificadas construindo significações coletivas. Proposições informacionais em um nível de construção complexa que sub-repticiamente vai consolidando tendências de leitura, valores emocionais agregados, que podem se mostrar e se consolidar como se verdades fossem. Afinal 'deu no jornal'!

A emoção como dispositivo maquinico

Para trazer a discussão sobre a emoção nas narrativas, como elemento dispositivo desses maquinismos abstratos mais gerais, retomo alguns aspectos do folhetim francês do século XIX e sua contribuição para a transformação de jornais da época, assim como a ressignificação das narrativas não só ficcionais. A folhetinização do jornalismo, como venho chamando, não é recente. Sua história oferece pistas para a presença de um tipo de emocionalidade explícita, que constitui o jornalismo em alguns espaços. Por outro lado, há que se ressaltar, mesmo os espaços noticiosos que se enunciam como objetivos, orientam-se por um tipo de emocionalidade, conectada com as diversas instâncias da grande máquina abstrata em que sua produção ocorre.

Vale ressaltar que a emoção, aqui, é considerada no sentido proposto por Humberto Maturana (1998), não em oposição à razão, mas como o que põe o sujeito em ação. Segundo o autor, não há ação humana, sem uma emoção que a estabeleça

⁵ Referência à Teoria do Agendamento que, no Jornalismo, pressupõe que a sociedade se programa, se agenda, a partir do que é veiculado nos meios de Comunicação. Sobre essa teoria, ver Traquina (2004).

como tal e a torne possível como ato. “Quando falamos de emoções, fazemos referência ao domínio de ações em que um animal se move. [...] o que conotamos quando falamos de emoções são os diferentes domínios de ações possíveis nas pessoas e animais [...]” (MATURANA, 1998, p.22).

No que tange à expressão da emocionalidade no Jornalismo, refletimos sobre o que ‘põe o sujeito em movimento’, sobre a emoção, os afetos, sobre o que o afeta. Conforme foi destacado, o folhetim traz um ‘capítulo à parte’ nesse sentido, que vem marcando as diversas narrativas, ao longo dos tempos. Sobre o folhetim, é interessante o que ensina Hauser (1972). Segundo este autor, o folhetim dirige-se a um público multiforme, rege-se pelos mesmos princípios formais e critérios estéticos que o teatro popular. O autor aponta, ainda, uma predileção pelo exagero e pela audácia, pela crueza e excentricidade. Os assuntos são os mais populares: seduções, adultérios, atos de violência e crueldade. Os personagens e o enredo são estereotipados e construídos de acordo com um padrão preestabelecido. Refletindo sobre o Jornalismo, penso que qualquer semelhança com algumas narrativas jornalísticas contemporâneas não é mera coincidência. Há muitos espaços pautados pelo exagero e a teatralização. Em tempos de vazio existencial e significacional, lembrando Lipovetsky (2005), em seu importante texto, intitulado A Era do Vazio, o exagero das emoções é uma das fórmulas que acionam os sentidos do receptor, em contraponto ao que eu chamo de ‘esterilização das narrativas’, com os textos esvaziados de sentido e de dispositivos de efetivação.

Outra característica salientada por Hauser, pertinente ao folhetim, é a interrupção da história no fim de cada número da série, criando um clímax que desperte a curiosidade pelo número seguinte. Destaque para o fato de que as partes do folhetim eram publicadas separadamente, sem a possibilidade de alteração do que já havia sido publicado, criando, segundo o autor, um estilo improvisador de narrativa. Os acontecimentos são apresentados numa corrente infundável, e o retratar dos personagens, às vezes, cria grandes contradições. Pela velocidade e

características intrínsecas de sua produção, há a possibilidade de desvios do enredo e variações de finalidade dos personagens.

Assim, na contemporaneidade, a multiplicidade de espaços narrativos, com a variação de formatos e linguagens, também vai fazendo da fragmentação a marca da narrativa jornalística. A diferença é que o próprio receptor vai fragmentando os conteúdos, navegando nos diferentes dispositivos enunciativos, o que lhe dá a (falsa) sensação de (ter) informação. Depois, ele mesmo passa a enunciar, nos seus espaços de expressão, 'rumos narrativos' apegados a inflexões predominantes e que o afetivaram. Isso ocorre nas diversas áreas, que se entrelaçam com o Jornalismo, assim como em diversos dispositivos midiáticos, considerando formatos, padrões e tecnologias. É especialmente notado no que diz respeito ao Turismo, em que os sujeitos buscam avidamente informações sobre seus destinos escolhidos e, depois, passam a compartilhar os resultados de sua busca, mesmo que não tenham checado os dados, mesmo que eles sejam provenientes de fontes não confiáveis, o que, muitas vezes, nem é questionado.

Foi o que se pôde perceber, por exemplo, na repercussão da guerra de narrativas, em 2013, no Brasil, durante a Copa das Confederações. Havia, claramente, duas grandes tendências de inflexões, a partir das narrativas. A proliferação dos discursos seguia, aparentemente espontaneamente, essas duas inflexões. Nas redes sociais, especialmente o Facebook, que acompanhei sistematicamente, com uma coleta de dados envolvendo desde textos veiculados em nome de grandes veículos até espaços nitidamente individuais, a expressão das duas inflexões era clara. A emocionalidade maquínica estava presente justificando, emocionadamente, um conjunto de argumentos expressos em palavras, fotos e vídeos. O que chama atenção é que tudo parecia espontâneo, até juntarmos os fios narrativos e percebermos que havia repetições evidentes, matrizes significacionais que foram se cristalizando, a partir da emoção dos sujeitos envolvidos. Não eram narrativas ingênuas e, em grande parte, também não eram espontâneas, embora nem todo

mundo se desse conta disso. Em termos de turismo, por exemplo, as narrativas comprometiam a tendência de fluxos de sujeitos ao Brasil. Tinham, como expressão-símbolo, um vídeo em que uma suposta brasileira, falando em inglês, numa produção muito bem editada, com trilha sonora e discurso em perfeita sintonia com a mídia norte-americana, dizia porque ela não viria ao Brasil, mostrando cenas que passavam a imagem de que o país estaria em caos.

Diante disso, há que se considerar o fato de que os maquinismos abstratos emocionais movimentam recursos extraterritoriais, em termos mundiais, e fazem parte de uma grande engrenagem mecânica, marcada por jogos de poder político e econômico. As narrativas turísticas, nesse sentido, propõem inflexões e percepções sobre destinos turísticos, agregando-lhes ou subtraindo-lhes valores, não só emocionais, mas também financeiros.

Dessa forma, vale a pena refletir sobre a folhetinização das narrativas jornalísticas e a tentativa de afetar o receptor, gerando claras proposições de direcionamento de suas ações. Há, por outro lado, outra tendência, de esterilização de narrativas. Há textos frios, burocráticos, que 'preenchem' espaços, mas não acionam os afetos, não afetam, não mobilizam o sujeito, e, porque não fazem isso, eles produzem outra emoção, que é o desinteresse, o que, para o turismo, é gerador de prejuízo. Fica claro que o esvaziamento de sentidos contemporâneo leva, quase que intuitivamente, em alguns casos, à produção de narrativas carregadas de emoção, para captar a atenção do receptor e envolvê-lo emocionalmente, a partir da perspectiva que se tem interesse. Digo quase que intuitivamente, no entanto, referindo-me a alguns casos mais simples, de veículos de comunicação pequenos, isolados. A grande engrenagem midiática orienta suas produções por pesquisas sofisticadas, que buscam compreender as emoções das pessoas, profundamente, para, a partir dessa compreensão, lançar produtos midiáticos nos seus vários formatos, que possam vingar no mercado das narrativas. É preciso lembrar que, para os proprietários dos meios de comunicação, as narrativas jornalísticas são, antes de

tudo um produto, um negócio, mais que expressões de uma Comunicação Social, que, portanto, deveria ter como interesse maior a sociedade.

A compreensão de que, para as grandes engrenagens, as narrativas são, de fato, um dispositivo estratégico e de valor resulta, por exemplo, da informação de que a DARPA, a agência de tecnologia militar dos Estados Unidos, corresponsável pela invenção da Internet, tem se dedicado a entender e a quantificar os mecanismos utilizados pelas narrativas. É interessante a reflexão de um de seus representantes, que justifica o estudo do que vem sendo chamado de a neurobiologia das narrativas:

O impacto das narrativas na psicologia humana envolve desde quais eventos recordamos com maior facilidade até nossas decisões sobre importantes condutas fundamentais, que definem nosso grau de confiança nos demais. Já que o cérebro humano é a causa próxima de nossas ações, as narrativas têm um impacto direto nos processos neurobiológicos dos receptores e dos emissores. Entender como as narrativas informam os processos neurobiológicos é crítico se queremos determinar que efeito têm sobre a psicologia e a neurobiologia das decisões humanas e seus comportamentos, e podem ajudar em tudo o que ocorre, desde explorar como o transtorno de estresse pós-traumático está influenciado pela repetição do evento, até entender os pensamentos e sentimentos de outras pessoas. (POURTALES, 2013)⁶

Em texto muito interessante, Alejandro Pourtales (2013) destaca a tendência de estudos de neurobiologia das narrativas coletivas, dando conta que “Uma análise neuropolítica mostra que a realidade coletiva que vivemos é uma construção

⁶ Tradução livre do original: “El impacto de las narrativas en la psicología humana abarca desde qué eventos recordamos con mayor facilidad hasta nuestras decisiones sobre importantes conductas fundacionales que definen nuestro grado de confianza en los demás. Ya que el cerebro humano es la causa próxima de nuestras acciones, las narrativas tienen un impacto directo en los procesos neurobiológicos de los receptores y de los emisores. Entender cómo las narrativas informan los procesos neurobiológicos es crítico si queremos determinar qué efecto tienen sobre la psicología y la neurobiología de las decisiones humanas y sus comportamientos, y pueden ayudar en todo lo que va desde explorar cómo el trastorno de estrés post-traumático está influenciado por la repetición del evento, hasta entender los pensamientos y sentimientos de otras personas”.

baseada na linguagem e que se queremos transformar nossa realidade, devemos transformar antes nossa narrativa”⁷.

Sinalizadores da base empírica

A proposta deste texto é a apresentação de reflexões teóricas que constituem o substrato do que eu chamo de maquinismos emocionais nas narrativas jornalísticas, também relacionadas ao turismo. Essas reflexões, no entanto, também têm uma base empírica recente, pertinente à pesquisa Desterritorialização Desejante em Turismo e Comunicação: Narrativas Especulares e de Autopoiese, realizada no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, entre 2013 e 2015. Apresento, sucintamente, elementos sinalizadores da base empírica.

Em termos empíricos, a pesquisa voltou-se para analisar a cobertura realizada no segmento de Turismo, pelos jornais Zero Hora e Pioneiro. O primeiro deles é o veículo de comunicação impressa, com maior tiragem, no estado do Rio Grande do Sul. O segundo, o veículo de comunicação impressa de maior tiragem na região da Serra Gaúcha. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi de caráter quanti-qualitativo, além de levantamento bibliográfico. Numa primeira fase, foi feita a quantificação dos dados obtidos por meio da observação de edições dos jornais Zero Hora e Pioneiro em distintos momentos do ano. Na quantificação, optou-se por criar categorias para classificar os indícios de notícias relacionadas ao turismo, encontradas nas edições de cada jornal. Foi pesquisado um total de 80 edições dos dois jornais, sendo 70 do jornal Pioneiro e 10 do Zero Hora. Participaram da coleta os estudantes do Curso de Jornalismo: Ricardo Augusto de Souza, Laís Alende Prates e Rodrigo Oliveira de Moraes. Não se trata de um estudo comparativo; por isso, não

⁷ Tradução livre do original: “Un análisis neopolítico muestra que la realidad colectiva que vivimos es una construcción basada en el lenguaje y que si queremos transformar nuestra realidad, debemos de transformar antes nuestra narrativa”.

houve a preocupação em equilibrar a quantidade de edições dos dois jornais. A proposta da coleta quantitativa era oportunizar, aos pesquisadores envolvidos, um 'mergulho' nos detalhes da produção e o levantamento de tendências de ocupação de espaço dos veículos, já que, no jornal impresso, a distribuição espacial das informações, significa também a priorização de temáticas e a expressão de 'valores' jornalísticos atribuídos às pautas. Não era o número, em si, que interessava, mas a sinalização de uma tendência.

Os indícios foram classificados em Turismo Jornalismo e Turismo Publicitário. Cada uma dessas categorias foi subdividida, a fim de descobrir a qual contexto demográfico pertenciam os indícios. As subcategorias são Jornalismo Turismo Serra, Jornalismo Turismo Estadual, Jornalismo Turismo Nacional e Jornalismo Turismo Internacional. A mesma classificação foi utilizada para os indícios publicitários. A pesquisa quantitativa foi realizada de maio a setembro de 2015.

Após a quantificação, utilizou-se a metodologia qualitativa para análise dos dados coletados, ampliando o olhar da pesquisa sobre o objeto e aprofundando a discussão acerca da narrativa jornalística na contemporaneidade. As variáveis definidoras qualitativamente tratam basicamente três aspectos: a especularidade, a autopoiese e aspectos técnicos.

A análise especular buscou saber se a narrativa provoca o espelhamento em ambas as partes. No momento em que se lê a notícia, ela provoca o espelhamento no leitor? Aquele que lê a notícia tem a possibilidade, mesmo que minimamente, de viver experiência da viagem por meio do texto? O leitor consegue se colocar no lugar do repórter ou isso não é possível? Por outro lado, a análise pretendeu descobrir se há espelhamento também por parte do repórter que escreveu a reportagem. O texto reflete a experiência do repórter? Há um espelhamento, por parte deste, para dentro de si mesmo? É possível identificar elementos no texto que vão além de informações exclusivamente objetivas?

A segunda variável de análise: autopoiese, já discutida em outros textos (BAPTISTA, 2011), e associada aqui à ideia de autoprodução. A análise, nesse caso, teve como objetivo encontrar elementos textuais ou gráficos na reportagem escolhida que provocam no leitor a reinvenção de si mesmo ou, por outro lado, a afirmação de si mesmo. E, com base nesses elementos, descobrir se o texto-viagem propõe a reinvenção ou a afirmação daquilo que o leitor já é. A terceira variável foi a análise técnica. Nesse momento, foram analisados os elementos utilizados na narrativa, como, por exemplo, recursos linguísticos e visuais, o tratamento das fontes, o contraponto descrição e narração, a referência aos diversos espaços turísticos e a correspondência aos espaços jornalísticos, o destaque das cores, etc.

Em termos de resultado, em síntese, pode-se afirmar que a análise possibilitou compreender a fragilidade das expressões turísticas, nos veículos analisados, em termos de recursos narrativos e tratamento da informação. Considerando as 80 edições analisadas, o meio jornalístico encontra-se restrito, em relação à pauta turismo, que vem sendo abordada de forma sucinta ou superficial, no viés 'matérias esterilizadas'. Limita-se a apresentar informações relativas a datas e lugares, de forma pontual, migrando para a perspectiva publicitária, perdendo o olhar de uma narrativa mais elaborada, de processamento jornalístico. Fica explícito que os maquinismos emocionais, no caso, são pautados por uma lógica de apresentação do lugar, dos serviços, como quem constrói um cardápio de opções turísticas. Entre os indícios, considerando a dimensão de espaço do jornal, há alguns que ocupam espaço significativo, com as matérias de página inteira ou, mesmo, os cadernos especiais. No que se refere ao Jornal Zero Hora, por exemplo, nas edições analisadas, o número de indícios variou entre oito e 50, somando turismo jornalismo e turismo publicitário. Essa variação pode ser percebida, principalmente, em edições que possuíam algum caderno especial, como Caderno Viagem, ou até mesmo algum informe comercial de festas temáticas pelo interior do estado, como no caso da Fenadoce, em Pelotas.

Mesmo em edições com mais indícios, no entanto, é possível observar uma ausência de “reportagens de fôlego”.

A questão é que, quando se chega à análise técnica, percebe-se que o direcionamento da pauta está calcado em uma coleta racional objetivista, o que sinaliza para uma emoção vinculada à função da matéria, em relação ao destino turístico, e não à orientação para uma epistemologia do Jornalismo de Viagem, que, efetivamente contribua para as decisões orientadas dos sujeitos em movimento, em desterritorialização.

Finalizando a reflexão, por ora...

Assim, do ponto de vista teórico, está claro que as narrativas contemporâneas são profundamente marcadas por aspectos psicocomunicacionais, no que eu venho chamando de feixes emocionais que sinalizam direcionamentos significacionais, inflexões de sentido. Há muitos exemplos práticos, muita expressão nos objetos empíricos e, neste momento, estou particularmente empenhada em analisar as narrativas do turismo, para observar essas inflexões com relação aos destinos turísticos, compreendendo que isso ocorre no imbricamento com dimensões econômico e políticas.

Finalizando essa reflexão teórica, por ora, então, ressalto que não é recente a compreensão das implicações da linguagem, na consolidação da representação da realidade e de vínculo com as instâncias mais profundas dos sujeitos, com o inconsciente. O que chama atenção, em particular, no momento, é uso peculiar desses saberes, bem como o conteúdo desse texto abstrato subjacente das narrativas contemporâneas. Assim, percebo ser importante refletir sobre as múltiplas conexões dos processos de produção de narrativas coletivas, especialmente sobre as que acionam movimentos de sujeitos em deslocamentos, em desterritorialização, nas diversas modalidades de turismo existentes. O resfriamento e burocratização da

pauta, aspecto que produz matérias jornalísticas áridas de afetivação, de elementos que tocam os afetos dos leitores, também se constitui como um texto emocional, que apresenta uma emoção instrumental, racionalizada, propondo uma prática de ocupação dos espaços dos destinos turísticos, marcada pela repetição de 'lugares-comuns', burocratizadas e superficiais.

Nesse sentido, os avanços possíveis, a partir dessas reflexões, sinalizam para a necessidade de compreensão da complexidade da engrenagem maquínica e dos maquinismos emocionais que transversalizam as narrativas. Desse modo, parece clara a relevância de se compreender que existem matrizes gerativas, mas que essas matrizes não são apenas linguísticas, mas uma espécie de amálgama de muitas substâncias significacionais, inclusive constituída dos fluxos incorporais a-significantes, na Esquizoanálise, ou o que eu chamo de intensidades abstratas. Há expressões desses fluxos e dos maquinismos, expressões que ganham visibilidade e aparecem codificadas.

Além disso, o que pretendo ressaltar é que existem 'matrizes emocionais' gerativas de inflexões. À medida que a humanidade avançou na compreensão da gramática gerativa, presente na linguagem e na compreensão do universo emocional dos sujeitos coletivos, esses saberes passam a ser amplamente utilizados no jogo de forças sociais e alteram as produções das grandes narrativas. O Jornalismo, por ser um ofício voltado para a sociedade, em sua essência, nesse sentido, tem a grande tarefa de refletir sobre o 'rumo da prosa', sobre as implicações emocionais, sociais, econômicas e políticas das inflexões propostas nas suas narrativas. Do mesmo modo, precisa refletir sobre suas contribuições para os deslocamentos, as desterritorializações desejantes dos milhões de turistas que se movimentam no planeta, gerando recursos, consumindo, produzindo encontros vários e alterando a própria condição existencial dos diversos territórios pelos quais transitam.

Referências

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Quem é o Sujeito da Comunicação?** A proposição de sujeito-trama, como campo caosmótico, e suas imbricações complexas, em tempos de internacionalização. In: COLÓQUIO BRASIL-ESTADOS UNIDOS DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO 6º, CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO 38º, 2014, Foz do Iguaçu (PR).

_____. Jornalismo amoroso. Quem quer (a)provar? Reflexões sobre a aplicação de práticas pedagógicas amorosas, na formação e no cotidiano do jornalista. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Vol. 1, No 9 (2011). Disponível em: <http://www.fnpij.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/204>.

_____. **Imagem, Sujeito e Mídia.** Projeto de Pesquisa. Caxias do Sul, 2011.

_____. **Usina de Saberes em Comunicação.** Projeto de Pesquisa. Caxias do Sul, 2012.

_____. Escrever: Dor e Prazer. A Sobrevivência na Selva Caosmótica da Comunicação. In: VII Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação, **XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Porto Alegre, RS, 2004. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18482/1/R1921-4.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2010.

_____. Escrita e Cumplicidade. In: **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. BH/MG, 2 a 6 set. 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_temas_baptista.pdf. Acesso em: 17 jul. 2010.

_____. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional:** um estudo sobre processos de escrita do jovem adulto, como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas. 2000. 442 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. **Desterritorialização desejante em Turismo e Comunicação:** Narrativas Especulares e de Autopoiese Inscricional. Projeto de Pesquisa. Caxias do Sul, 2013.

_____. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional. Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea.** 2000. 440. fls. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2000.

_____. AFETIV(AÇÕES) DO TEXTO-TRAMA NO JORNALISMO Ensino e produção de textos jornalísticos e científicos, em tempos de caosmose midiática In: FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ) 2º ENCONTRO SUL-BRASILEIRO DE PROFESSORES DE JORNALISMO 5º ENCONTRO PARANAENSE DE ENSINO DE JORNALISMO, 2013, Ponta Grossa (PR). **II Fórum Sul-Brasileiro de Professores de Jornalismo**, 2013.

_____. **Comunicação**. Trama de Desejos e Espelhos. Canoas: ULBRA, 1996.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

EHRENZEVEIG, Anton. **Psicanálise da Percepção Artística**. Uma Introdução à Teoria da Percepção Consciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Um Novo Paradigma Ético-Estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. Linguagem, consciência e sociedade. In: LANCETTI, Antonio. **Saúde Loucura**, número 2. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Revolução Molecular**. Pulsações Políticas do Desejo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____; DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____; ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975. 2 v.

HAUSER, Arnold. **A geração de 1830**. In: História Social da Literatura e da Arte. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

KRISTEVA, Julia. **História da Linguagem**. Lisboa: Edições 70, s.d.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri: Manole, 2005.

MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDINA, Cremilda. (org.). **Novo Pacto da Ciência**. A Crise dos Paradigmas - I Seminário Transdisciplinar. São Paulo, ECA/USP, 1990-1991.

_____. **O Signo em Processo**. XVII Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação, setembro de 1994a, xerox.

_____. **Entrevista**. O Diálogo Possível. São Paulo, Ática, 1986.

_____; GREGO, Milton. (orgs.). **Novo Pacto da Ciência 3**. Saber Plural. O Discurso Fragmentalista da Ciência e a Crise de Paradigmas. São Paulo, ECA/USP/CNPq, 1994b.

_____. A arte de tecer o presente. São Paulo: Summus, 2003.

MEYER, Marlise. **Folhetim para almanaque ou rocambole, a ilíada de realejo**. In Almanaque. Modos Menores de Ficção. n. 14, São Paulo, Brasiliense, 1982.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. São Paulo: Instituto Piaget, 1991.

_____. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **O método 4**. As ideias, habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.

_____. O pensamento em ruínas. In: _____. **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis: UFSC, 1993.

PEÑUELA CANIZAL, Eduardo. Surrealismo: Rupturas Expressivas. 2 ed. São Paulo: Atual, 1987.

PERES, Rodrigo Sanches et. al. . A Esquizoanálise e a Produção da Subjetividade: Considerações Práticas e Teóricas. **Psicologia em Estudo**. DPI/CCH/UEM. v. 5 n. 1 p. 35-43, 2000.

POURTALES, Alejandro. **La neurobiología de las narrativas (o cómo contar historias es crear realidades)**. [AlterCultura](#). [Alter existencia](#). Disponível em: <http://pijamasurf.com/2011/10/la-neurobiologia-de-la-narrativa-o-como-contar-historias-es-crear-realidades/> . Acesso: 16 jun 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

Acesse esse e outros artigos da **Revista Observatório** em:

